

A dicotomia inclusão/exclusão presente no Design Biofílico.

The inclusion/exclusion dichotomy present in Biophilic Design.

Camila Oliveira de Santana¹

Maria da Graça Rodrigues dos Santos²

Resumo: O Design Biofílico, pode ser definido a princípio como meio, um caminho, para ressocializar homem e natureza. Comumente objeto dos mais diversos campos de estudo como neurociência, arquitetura, psicologia, saúde etc; é um tema atual que no presente trabalho apresenta algumas de suas distintas definições, para discutir a dicotomia que carrega no que tange à inclusão /exclusão no contexto da cidade. Utilizando-se de revisões bibliográficas e de uma abordagem qualitativa, as próximas linhas concluem que o potencial para exercer ambos os papéis se faz presente, e é a intencionalidade com que é empregado que vai definir o papel que ele assumirá.

Palavras-chave: Design Biofílico. Inclusão. Dicotomia.

Abstract: Biophilic Design can be defined in principle as a means, a path, to resocialize man and nature. Commonly object of the most diverse fields of study such as neuroscience, architecture, psychology, health, etc.; It is a current theme that in this work presents some of its different definitions, to discuss the dichotomy it carries regarding inclusion/exclusion in the context of the city. Using bibliographical reviews and a qualitative approach, the next lines conclude that the potential to exercise both roles is present, and it is the intentionality with which it is used that will define which role it will serve.

Keywords: Biophilic Design. Inclusion. Dichotomy.

Introdução

A inclusão ou exclusão de um indivíduo de qualquer parte da sua esfera social é matéria de cuidado, estudos e questionamentos nas mais variadas vertentes e áreas. Como questão que impacta o dia a dia de muitas pessoas, aprender a identificar as ferramentas e estratégias que excluem e separam os indivíduos é também uma forma de combater ou contrapor processos de exclusão com abordagens de inclusão.

¹ Camila Oliveira de Santana é designer de Interiores (UNIFACS, Feira de Santana, BA), especialista em metodologia do ensino superior (UNIFACS, Feira de Santana, BA) e mestranda em desenho, cultura e interatividade (PPGDCI UEFS, Feira de Santana, BA). camilaosinteriores@hotmail.com.

² Maria da Graça é arquiteta, mestre (UFBA, Salvador, BA) e doutora (FAU USP, São Paulo, SP), e Professora Visitante (PPGDCI UEFS, Feira de Santana, BA). mgrsantos@uefs.br.

O olhar para o *design* biofílico apresentado nas próximas linhas tem como intuito perceber os papéis que essa abordagem, campo de estudo e ferramenta pode desempenhar nessa temática. Para isso, as revisões bibliográficas apresentadas e a abordagem qualitativa corroboram na tentativa de identificar ambos os lados desempenhados pelo *design* biofílico.

Com isso, ao escolher por aplicá-lo o profissional goza de plena ciência do seu impacto no dia a dia das populações que compõem o tecido urbano, através de um olhar consciente e questionador o *design* biofílico pode assim apresentar-se em sua melhor face, a de ferramenta que corrobora para inclusão e bem estar dos seres humanos.

Desenvolvimento

O termo *Design Biofílico*, foi reconhecido e cunhado nos anos 90 através da publicação do livro “*Biophilic Hypothesis*” de Kellert e Wilson (1990) e pode ser definido a princípio como meio, um caminho, para ressocializar homem e natureza, para resguardar e alinhar evolução e sustentabilidade. É uma abordagem ética que visa a sustentabilidade do mundo natural enquanto este se adequa às mudanças feitas pela intervenção humana.

Pode-se então afirmar que o *design* biofílico se apresenta como um recurso de inclusão da natureza aos grandes centros urbanos e às construções que são dele um elemento primordial. É um recurso de volta, por assim dizer, visto que em primeiro momento o que hoje é tecido urbano modificado pelo homem tem grandes chances de ter sido natureza, excluída e transformada perdendo assim sua paisagem natural.

Salingaros e Madsen (2006, p. 2) afirmam que “os processos implícitos ao envolvimento humano com o mundo físico apoiam o *design* biofílico como uma metodologia reconectiva”, e para além disso apresentam o *design* biofílico como uma bússola que direciona à arquitetura a elaborações mais complexas e coerentes dos ambientes, que é a forma como a natureza funciona.

Heerwagen e Gregory (2008, apud Naderi 2009) apontam-no como elemento primordial na concepção de espaços que apresentam experiências emocionais positivas, fomentando sentimentos como cuidado e apego a esses lugares. Além de ser elemento importante para inclusão e troca de experiências enquanto se apresenta a natureza como plano de fundo para as interações humanas, por exemplo entre pessoas do mesmo bairro que frequentam o mesmo parque natural.

O *design* biofílico é uma teoria, uma ciência e uma prática que propõe-se a criar um ambiente inspirado na natureza, buscando ampliar a relação do indivíduo com ela nos espaços onde vive e trabalha. (Browning *and* Cooper, 2017). A partir de uma perspectiva de planejamento e do *design*, pode-se afirmar que o *design* biofílico é muitas vezes sobre integração e algumas vezes manipulação dos elementos e sistemas naturais visando trazer aos ambientes internos e cidade a sensação de elemento “vivo” (Alexander, 2002).

Para Cerón *et al* (2020) o *design* biofílico é, a muito tempo, entendido como a perspectiva de *design* que integra o ambiente natural ao artificial, fornecendo instruções para a criação desses espaços que tenham a capacidade de atender as necessidades humanas. Para além disso as autoras reiteram que:

Usar o *design* baseado na natureza não significa implementar mais árvores e plantas dentro de um espaço, mas possibilitar relações entre elementos naturais e humanos em um ambiente construído (Cerón *et al*, 2020).

Ao citar as relações que podem ser construídas entre homem e natureza com a abordagem do *design* biofílico, outra face desse relacionamento é assinalada por Cerón *et al*. (2020) que afirmam que o uso do *design* biofílico pode também dar sentido de identidade e pertencimento entre as pessoas e esses ambientes.

Sentir-se parte de uma cidade ou bairro é uma questão importante e desafiadora para os habitantes das cidades, em um contexto em que o capital dita novas regras, viola regras antigas e questiona a importância da

responsabilidade social que a cidade tem em incluir os anseios, sonhos, vontades e necessidades dos que dela dependem e nos que nela vivem, o *design* biofílico mostra o seu potencial em garantir melhorias ao dia a dia dessa população.

Dessa forma é possível perceber que as definições assinaladas anteriormente sejam elas um pouco mais simplificadas ou diretas, preveem o *design* biofílico como um caminho, mas também uma abordagem, uma metodologia que intenciona trazer a realidade urbana, das construções humanas a possibilidade e os benefícios de um relacionamento com a natureza.

Relacionamento esse que ao impactar de maneira positiva no dia a dia das populações, pode vir a corroborar para que o relacionamento entre aqueles que ocupam os espaços urbanos seja mais inclusivo e aberto às mais diversas manifestações de riqueza que existem em perceber diferenças e acolhê-las de acordo com suas necessidades e especificidades.

Um exemplo prático do que foi dito anteriormente e do potencial inclusivo do *design* biofílico é que o contato com os estímulos promovidos pela natureza, em atividades fora da escola em,

[...] um projeto de investigação-ação de Carlson (2022), realizado durante seis semanas com alunos do terceiro ano do ensino primário com TDAH, encontrou uma melhoria notável no comportamento dos alunos.” (Carlson *apud* Indire p, 113)

Dessa forma, esses alunos conseguem interagir e participar de maneira mais ativa e saudável das vivências junto aos outros colegas que não encontram as mesmas questões e dificuldades imputadas a crianças com TDAH em ambientes estudantis.

Por outro lado, o potencial de exclusão se apresenta por exemplo, em uma pesquisa recente feita no Reino Unido através do *Office For National Statistics* (encontram-se disponíveis online) onde foi possível mapear que a renda está predominantemente ligada ao acesso a espaços verdes/ao ar livre, e que populações em empregos de menor remuneração estão três vezes mais

propensas a não ter jardim ou áreas verdes, do que aquelas em cargos gerenciais e administrativos.

A informação acima mostra como o contato com a natureza e os benefícios que desse acesso decorrem são também critérios que apontam as desigualdades.

Essa exclusão demarcada pelo acesso ao *design* biofílico na realidade dos centros urbanos pode ser percebida quando por exemplo, condomínios fechados se apropriam de áreas com abundância de vegetação, tornando-a um produto do setor privado ao qual só aqueles com poder aquisitivo suficiente podem dispor, e a natureza se torna então mais um agente de distinção e exclusão das camadas mais baixas.

Outro exemplo claro é a utilização do *design* biofílico nas cidades para criar ambientes de exclusão através de “barreiras vivas” que identificam de maneira sutil, porém eficiente, os limites demarcados da organização espacial de um determinado bairro ou rua, por exemplo. Mostra também seu potencial como índice medidor de exclusão quando bairros de renda menor no Brasil ou no Reino Unido, como assinala Lorien Nesbitt professor da Universidade da Colúmbia Britânica, demonstram um menor ou quase inexistente investimento em ambientes onde os moradores e cidadãos possam desfrutar da natureza.

Conclusões

Assim como apresenta bons resultados em pesquisas que tratam das emoções positivas que é capaz de despertar, a utilização do *design* biofílico, relacionado com o desenho de uma cidade ou tecido urbano, está quase sempre carregado de intencionalidade e ideologia. Neste sentido, cabe aos estudiosos, arquitetos e urbanistas e *designers* não permitir que a abordagem escolhida do *design* biofílico seja a da exclusão de classes financeiramente menos favorecidas.

Para tanto, faz-se necessário que a resposta para qualquer pergunta em que o *Design* Biofílico apareça como elemento, seja a de que só é possível melhorar a vida de uma população quando não é utilizado para dividir,

diminuir ou ignorar as necessidades de uma parcela dela. De modo que a natureza seja ferramenta, meio é caminho de inclusão e melhoria do dia a dia das populações em todos os contextos em que a ela se recorra.

REFERÊNCIAS

BROWNING, B.; COOPER, S. C. Human Spaces: the global impact of biophilic design in the workplace, 2017.

C. Alexander. The Nature of Order, 2002.

KELLERT, S. R., & Wilson, E. O. (1993). The Biophilia Hypothesis. Island Press.

SALINGAROS, Nikos A. Neuroscience, the Natural Environment, and Building Design. Capítulo 5 de: Biophilic Design: The Theory, Science and Practice of Bringing Buildings to Life, edited by Stephen R. Kellert, Judith Heerwagen, and Martin Mador (John Wiley, New York, 2008), p. 59-83.

NADERI, J. Biophilic Design: The Theory, Science and Practice of Bringing Buildings to Life, S.R. Kellert, J.H. Heerwagen, M.L. Mador (Eds.). John Wiley and Sons (2008) doi:10.1016/j.landurbplan.2009.09.003

Escamilla-Cerón, Karla; Luna-Rodríguez, Sofía Alejandra EL DISEÑO BIOFÍLICO Y SU RELACIÓN CON EL MOBILIARIO URBANO Revista Legado de Arquitectura y Diseño, vol. 15, núm. 27, 2020. Universidad Autónoma del Estado de México, México Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477963263011>

WEBSITES

https://www.ons.gov.uk/economy/environmentalaccounts/articles/oneineighbouringhouseholdshasnogarden/2020-05-14?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br.uk